



O LEITOR COMO SUJEITO REMEMORADOR E TESTEMUNHA DO TEXTO: A RECEPÇÃO CRÍTICA DE NARRATIVA CONTEMPORÂNEA SOBRE A DITADURA MILITAR

THE READER AS A SUBJECT REMEMBERING AND WITNESS OF THE TEXT: THE CRITICAL RECEPTION OF A CONTEMPORARY NARRATIVE ABOUT THE MILITARY DICTATORSHIP

Ivânia Campigotto Aquinoⁱ

Airton Pottⁱⁱ

RESUMO – Com o intuito de investigarmos o testemunho de um autor sobre vivências de um passado temeroso, selecionamos o romance *K.: relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, para subsidiar nossas investigações a respeito de uma literatura de testemunho que, ao mesmo tempo, serve de alerta para o presente e o futuro da sociedade. Tema a nós necessário para entendermos o papel da literatura diante de um contexto em que a dor das vítimas se torna, por meio do texto literário, um propagador de memórias. Diante de tal objetivo e temática, recorreremos a conceitos envolvidos à narrativa, história e memória, complementados pelos estudos da teoria do efeito estético. Tal aparato teórico

direciona-nos a interessantes conclusões, sobretudo o porquê da intencionalidade do autor em rememorar acontecimentos do passado traumático e, assim, lutar contra o não-esquecimento dos episódios ocorridos.

PALAVRAS-CHAVE – rememoração; literatura de testemunho; narrativa contemporânea; *K.: relato de uma busca*; Bernardo Kucinski.

ABSTRACT – To investigate the testimony of an author about experiences of a fearful past, we selected the novel *K.: relato de uma busca*, by Bernardo Kucinski, to subsidize our investigations regarding literature of testimony that, at the same time, serves alert for the present



and future of society. A theme that is necessary for us to understand the role of literature in a context in which victims' pain becomes, through the literary text, a propagator of memories. Faced with such an objective and theme, we resorted to concepts involved in narrative, history, and memory, complemented by studies of the theory of the aesthetic effect. Such a theoretical apparatus leads us to interesting

Considerações iniciais

A literatura é um mundo de possibilidades, as quais são propiciadas por uma parceria estabelecida entre o autor e seus leitores. O texto, portanto, permite viagens sem que se saia do lugar, e nele são possíveis diferentes criações, representações e, inclusive, refúgios. Muitos autores recorrem à literatura, à ficção, para expressarem seus conflitos, seus medos, suas vivências, ou até de outros sujeitos – familiares, amigos e de pessoas que nem conheçam. E quando o leitor é convidado a ler um texto que representa as vozes silenciosas de consciências aniquiladas em determinado período histórico que encontraram espaço e resistência na literatura?

Diante disso, este trabalho justifica-se por trazer para o centro da pesquisa discussões a respeito de um desses autores, Bernardo Kucinski, mais especificamente acerca da recepção crítica de seu livro intitulado **K. relato de uma busca**, publicado pela primeira vez em 2011. Para analisar tal recepção, recorreremos à

conclusões, especialmente a razão para a intenção do autor de recordar eventos do passado traumático e, assim, lutar contra o não-esquecimento dos episódios que ocorreram.

KEYWORDS - recall; testimony literature; contemporary narrative; *K.: relato de uma busca*; Bernardo Kucinski.

comunidade virtual *Skoob*, que contempla opiniões de uma vasta faixa de leitores, identificados por interesses e gostos em comum. Assim, pretendemos entender a percepção desse diversificado público acerca dessa obra, e o que lhes chamou atenção na recepção dela, seja quanto à linguagem adotada pelo autor, à estrutura da narrativa, à temática, à história, entre outras características.

A fim de investigarmos sobre a recepção dos leitores a respeito da representação desse período traumático – a ditadura no Brasil – na obra de Kucinski, também convocamos aportes que discutem as relações entre narrativa, história e memória, de autores como Jeanne Marie-Gagnebin (2006), Márcio Seligmann-Silva (2000) e Eurídice Figueiredo (2017). O livro de Figueiredo (2017), **A literatura como arquivo da ditadura**, aliás, é resultante de sua tese de doutorado e tem **K.: relato de uma busca** como um dos componentes de sua pesquisa. Ainda, pelo fato de valermos-nos do papel do leitor e do efeito estético do texto literário,



recorremos à teoria da teoria do efeito estético, desenvolvida por Wolfgang Iser (1996a, 1996b, 1999).

Enfim, nossos estudos são frutos de escolhas em detrimento de outras opções. No entanto, *K.: relato de uma busca* mostrou-se um livro mobilizador de sentimentos e emoções em considerável parte de seu público receptor. Sem dúvidas, a literatura possui uma voz capaz de refugiar alternativos espaços e ecoar infinitas vozes. Por meio de sua obra, Bernardo Kucinski convidou inúmeros leitores a testemunharem junto a ele o resgate das vozes silenciadas em tempos de outrora. E é o resultado disso que queremos analisar considerando os comentários de determinado público receptor de sua obra.

O presente como forma de rememoração do passado e alerta para o futuro

Se para Ricoeur (2007, p. 391) “os mortos de hoje são os vivos de ontem, que agem e sofrem.”, para os vivos de hoje resta aceitar que eles serão os mortos de amanhã. Mas até a morte não chegar é preferível ter uma vida que não seja sofrida, como a de muitos em tempos de outrora, como na ditadura.

Como já vimos nas subseções anteriores, estamos arrolando a rememoração dos episódios da ditadura por intermédio da narração. No entanto, essa rememoração do passado também visa a outro período – o do futuro. Ao

rememorarmos o passado da ditadura estamos, ao mesmo tempo, alertando para que isso não ocorra futuramente. Com a intenção de fazermos tais advertências, não podemos deixar o passado obscuro cair no esquecimento. Afinal, “o esquecimento significa aqui a resposta ativa ao apelo do presente à promessa do futuro.” (GAGNEBIN, 1999, p.110).

Os rememoradores certamente querem que os homens do presente e do futuro sejam seres de ação e iniciativa, assim como os do passado ditatorial foram. Tais percepções já nos são arroladas por Ricoeur (2007, p. 392) quando ele evidencia que “os homens do passado foram, como nós, sujeitos de iniciativa, de retrospectção e de prospecção.”. Em outras palavras, para não sermos dominados precisamos ser sujeitos de ação e iniciativa para que outros não façam do jeito deles, o que pode ir contra nossos princípios.

Também Gagnebin (1999, p. 16) nos lembra sobre a circunstância de que “a exigência de rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado.”. Salientamos, assim, a importância do estabelecimento de relação e cooperação entre os diferentes tempos, ou seja, a partir do momento que um tempo entra em ação, no processo de rememoração, automaticamente outros são mobilizados.



Temos, porém, nesses registros de rememoração, que “a memória de pessoas que viveram o período e que narraram, ou ainda narram, os acontecimentos segundo suas perspectivas e intenções presentes, as quais não estão descoladas do lugar social que ocupam e de suas experiências naquele passado.” (SANTOS, 2016, p. 19). Associado a isto, somos instigados, assim, para voltar a refletir um pouco mais sobre as características e finalidades da rememoração a partir das palavras de Gagnebin (2006, p. 55):

A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente.

Dado o exposto, essa influência no presente ocorre a partir do ato de escrita e posterior leitura por parte de outros. Isto é, o leitor se torna sujeito atuante, autônomo e responsável pelo que faz com as informações adquiridas ao longo do processo de leitura. Ele pode partilhar com outros sujeitos suas experiências mediante o ato de ler, ou então ficar para si, mas, de uma forma ou outra, toda leitura influencia na formação desse leitor.

Quando se trata de um texto referente às memórias de um determinado período histórico um dos objetivos do autor se concretiza quando ocorre esse processo na

leitura, que é o de repassar para outros aquela rememoração narrada, a fim de que aquilo não seja esquecido pelas pessoas do presente, seja para lembrar, para alertar, para informar, ou para outros determinados fins. Podemos, assim, concordar com a concepção de dívida levantada por Ricoeur (2007, p. 392) referente ao resgate do passado:

De fato, se os fatos são indelévels, se não podemos mais desfazer o que foi feito, nem fazer com que aquilo que aconteceu não tenha ocorrido, em compensação, o sentido do que aconteceu não é determinado de uma vez por todas; além de os acontecimentos do passado poderem ser contados e interpretados de outra forma, a carga moral vinculada à relação de dívida para com o passado pode ser tornar mais pesada ou mais leve.

No entanto, após o período da ditadura, é natural que os militares não se intituloassem como os responsáveis pelos confrontos e demais episódios horríveis que se sucederam entre os anos de 1964 e 1985. Ao estudar o período ditatorial sob as perspectivas militares, Santos (2016, p. 106) acentua que “se a sociedade sentia que havia sido lesada em suas liberdades por algumas políticas implementadas pelo regime, deveria cobrar isso não da instituição militar, mas sim dos grupos que teriam tornado essas medidas necessárias.”.

Em linhas gerais, enfatizamos que a rememoração da ditadura vai contra o silenciamento dos que caíram perante o



período ditatorial. Um novo texto, uma nova informação que surge sobre essa época, pode ser um diferencial e um revelador ou modificador de fatos. De acordo com Santos (2016, p. 165) “a produção da história está sujeita a movimentos constantes, por vezes não previstos, e que novos fatos podem levar a revisões de antigas análises.”. Para além disso, Gagnebin (2006, p. 103) traz um elemento importante relacionado às narrações desses fatos, que é o do esclarecimento:

Devemos lembrar o passado, sim; mas não lembrar por lembrar, numa espécie de culto ao passado. No texto de Adorno, que é judeu e sobrevivente, a exigência de não-esquecimento não é um apelo a comemorações solenes; é, muito mais, uma exigência de análise esclarecedora que deveria produzir.

Em vista às considerações sobre o esquecimento e/ou as lembranças do passado, concluímos que episódios que aconteceram no passado precisam ser analisados, resgatados e socializados na atualidade, a fim de que novos traumas sejam evitados. Logo, esse não-esquecimento exige uma contribuição de muitos sujeitos da sociedade contemporânea, para que as informações sejam perpassadas e cheguem aos diferentes espaços, e a literatura tem se formado um meio eficaz para tais intencionalidades.

Memória, esquecimento, traumas: marcas das feridas incictrizáveis

Das nossas memórias, convictamente a traumática é a mais desagradável e dolorida, pois ela está imbricada ao sofrimento, à dor, à decepção. Somos condescendentes com Gagnebin (2006, p. 110) quando ela faz sobressair que “o trauma é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito.”.

Ao toparmos com as vítimas da ditadura, compreendemos que muito trauma foi e ainda é vivido, pois há muitas feridas incictrizáveis, sejam as visíveis ou as psicológicas. Feridas internas e externas podem ser igualmente doloridas, insuportáveis, ferida no corpo e a ferida aberta na alma, ou, como aborda Seligmann-Silva (2000, p. 84), a “ferida na memória”. Assim sendo, essa perpetuação do trauma da ditadura até na atualidade encontra no fundo memorial sua sobrevivência.

Concordamos com estudiosos aqui abordados quando eles afirmam que o processo de narração dos episódios ocorridos é uma forma de fazer o luto dos mortos de outrora. Assim, sobre o autor, Figueiredo (2017, p. 75) assevera que “sua arma é a escrita, narrar é uma forma de elaborar o trauma, fazer o luto, a fim de poder continuar vivendo de maneira mais leve.”. Desse modo, a narração não é



apenas uma forma de registrar o ocorrido a fim de informar a outros o que aconteceu, é também uma forma de buscar conforto e consolação.

Ricoeur (2007, p. 86) nos enfatiza que “é enquanto trabalho da lembrança que o trabalho de luto se revela custosamente, mas também reciprocamente, libertador. O trabalho de luto é o custo do trabalho da lembrança; mas o trabalho da lembrança é o benefício do trabalho do luto.”. Sendo assim, os familiares buscaram no trabalho de luto o que podemos chamar de superação do trauma, ou, ao menos, sua amenização. Já que eles não tinham corpo para fazer a passagem ritualística, eles acharam na escrita uma forma de realizar tal feitoria. Segundo Figueiredo (2017, p. 135),

A questão do corpo é relevante no caso dos desaparecidos porque os familiares não conseguem elaborar o luto através da ritualização da morte. O sumiço do corpo representa um grande desrespeito, pois é próprio da morte humana a cerimônia do enterro ou da cremação; não devolver o corpo aos familiares é tratar a pessoa como um animal.

Quando levamos em consideração a narração do trauma como forma de elaboração de luto temos um sujeito, o autor, fazendo esse ritual devido ao desaparecimento de um corpo, que, aliás, não é o dele. Dessa forma, a memória escrita e narrada não é daquele que passou por aquilo, mesmo que tenha sido (e muitas vezes é) um familiar, amigo ou

conhecido. Além do mais, mediante o fato de escrever a alguém “a memória da experiência traumática justamente não está submetida ao arbítrio daquele que passou por tal experiência”. (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 90).

Sendo assim, essa experiência pode ser entendida por nós como o fato de que aquilo que aconteceu, na verdade, parece surreal para ter sido verídico, ou seja, o que ocorreu é inacreditavelmente real diante das atrocidades vivenciadas. Sem intenção de separar o real do ficcional na literatura, por meio desta “o passado está aberto para novas interpretações, donde a importância da literatura para reelaborar os traumas causados pela ditadura.” (FIGUEIREDO, 2017, p. 41). Sem ter que se preocupar com a mentira ou a verdade, a narração permite ressignificações conforme intenções do autor.

Rememorações por meio de leitores de *K.: relato de uma busca: um texto literário que resgata o passado dos porões da ditadura militar*

Por trás do livro **K.: relato de uma busca**, o qual apresentamos anteriormente, há uma gama de curiosidades e elementos envolvidos, tanto com relação à sua temática, quanto à sua estrutura, dentre outros aspectos. Portanto, divulgamos agora alguns dos resultados mais contundentes que analisamos através da recepção crítica dessa obra por leitores participantes da rede social *Skooob*.



Esses resultados obtidos são os *feedbacks* de diferentes leitores do livro **K.: relato de uma busca**. Fundamentamos o conceito de *feedback* em Iser (1996a, p. 128): “o que de antemão assegura o êxito do discurso cotidiano, aqui deve ser produzido. É o *feedback*, portanto, o responsável por situar o leitor em relação ao texto; esse trabalho do *feedback* coincide com a compreensão do texto.”. Esses *feedbacks*, ou seja, retorno dos leitores por meio de seus comentários, manifestações de suas visões, são o preenchimento das lacunas que mais lhes sobressaíram.

Essas lacunas, ou melhor, os lugares vazios deixados pelo autor aos seus leitores por meio do texto podem ser exemplificados pela polifonia narrativa, bem como pelo jogo entre o real, o ficcional e o imaginário teorizados por Iser (1996b). Esses elementos contribuem para que o leitor se sinta instigado a preencher os lugares vazios ao longo de **K.: relato de uma busca**. Segundo Iser (1999, p. 158),

As mudanças de posição do lugar vazio no campo são responsáveis pelas sequências de representações; estas advêm de operações previamente esboçadas e estruturação e neste processo se traduz a transformação de posições textuais dadas para a consciência de representação do leitor.

Em linhas gerais, isso significa que, conforme o leitor vai lendo o texto, ele vai sanando as dúvidas permitidas pelos lugares vazios, mas, perante a continuidade da realização da leitura, alguns vão sendo

descobertos pelo leitor e novos lugares vazios vão surgindo. Nesses traveses, podemos inferir que os lugares vazios são instigações para que o leitor se mantenha motivado, interessado e determinado em seguir a leitura, pois ele sabe que o texto tem um fim, o que pode (e certamente haverá) são lugares vazios, os quais deixam no ar uma vagueza ou possível continuidade.

Em vista disso, analisamos o preenchimento das lacunas pelos leitores por meio do ato de sua leitura de **K.: relato de uma busca**. Ancoramos nossas análises, portanto, no fato de “se a perspectiva prévia permite que o leitor perceba, no ato da leitura, as suas insuficiências, isso o leva a cada vez mais voltar àquilo em que ele confiava, até que, por fim, consegue ver os seus próprios preconceitos.” (ISER, 1996b, p. 31). Em outras palavras, o leitor pode se identificar com o que está sendo narrado no texto, ou ao menos manifestar-se a respeito dele.

Enfim, são essas manifestações que evidenciamos em nossas análises, separadas por tópicos selecionados conforme as relevâncias que mais apareceram ao longo dos *feedbacks* dos leitores, sendo eles: a estrutura e a composição da obra; a exposição entre realidade e ficção presente nela; as relações entre o passado ditatorial e o presente; as marcas da ditadura; e o manifesto sobre a emoções sentidas pelos leitores. Portanto, citamos os comentários da *Skeob*, ou pelo menos trechos deles, conforme esses aspectos aparecem a fim



de analisarmos e comprovarmos nossas percepções, não sendo necessariamente todos eles citados e transcritos em sua integridade.

comparam esse fato aos diversos acontecimentos relacionados à ditadura militar brasileira, estabelecendo, assim, contrastes entre essa obra ficcional e a realidade na qual Kucinski se inspira.

Portanto, é natural que os receptores do livro desse autor abordem vários aspectos diferentes em suas manifestações na *Skoob*. Alguns internautas afirmam que

sofreram, no período da ditadura militar. A história narra a vida do senhor K., um imigrante judeu que fugiu para o Brasil no período da II Guerra Mundial e vê-se perdido e destroçado quando sua filha "é desaparecida" (esse é o código para "foi preso, torturado e morto pela polícia"). Quando eu digo que ficção e realidade se misturam, devo mencionar que K. é o pai do autor, e a filha desaparecida é Ana Rosa, sua irmã, uma professora de Química da Universidade de São Paulo e limitante clandestina da Aliança Libertadora Nacional (ALN), casada com um também militante e também desaparecido, Wilson Silva. Com olhos delicados (e provavelmente marejados) de um narrador machucado, Kucinski conta-nos a história de seu pai: a descoberta do desaparecimento, do casamento secreto para ele, do envolvimento da filha no movimento anti-ditadura. E é dura, meus

Figura 1

Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em **K.: relato de uma busca**. Fonte: *SKOOB*, 2019

Registros de leitores de **K.: relato de uma busca**: a busca do pai pela filha como marca de memória, trauma e luta contra o não-esquecimento

Percebemos que grande parte dos receptores de Kucinski, ao se pronunciarem por intermédio dos comentários registrados na rede *Skoob*, ressaltam, em meio a outras percepções, sobre o enredo principal de **K.: relato de uma busca**, que é a saga de K., o protagonista, em busca de sua filha desaparecida. Mas ao mesmo tempo eles

o livro **K.: relato de uma busca** é sobre a busca de um pai pela filha, mas de forma mais sucinta e a maioria desses comentários usamos em outros trechos que, aliás, são relacionadas a outros aspectos. Dessa forma, consideramos para análise os que enfatizam sobre o enredo principal da obra, como é o caso do internauta cuja resenha está representada na figura 1.

Em meio a demais considerações realizadas em seu comentário, o internauta da *Skoob* destina parte dele para abordar



sobre a história de K., o pai, em busca de sua filha desaparecida. A parte de descrição de K. ele começa chamando-o de *senhor*, que não é somente um pronome de tratamento, mas simboliza respeito a alguém mais velho, o que torna transparente a dó e a compaixão do leitor por K., que, mesmo na velhice, não se cansa em procurar pistas sobre onde está sua filha ou o que aconteceu com ela.

A respeito de K., o internauta da *Skoob* que tem um trecho de seu comentário representado na Figura 31 ainda afirma que ele é um imigrante judeu que fugiu para o Brasil no Período da II Guerra Mundial, o que já simboliza amargura e sofrimento vivenciados por ele desde o início, no exterior. Na sequência, *perdido* e *destroçado* são os adjetivos do internauta da *Skoob* atribuídos a K., quando sua filha é desaparecida. *É desaparecida* foi empregado entre aspas pelo leitor de Kucinski justamente para ressaltar o que ele esclarece dentre os parênteses, que este termo é um eufemismo, pois em verdade significa que ele foi preso, torturado e morto pela polícia.

No próximo parágrafo de seu comentário, o internauta da *Skoob* ainda tece algumas afirmações sobre K. e sua filha desaparecida, mas vinculado a outras características, como a mistura entre realidade e ficção. Na sequência, o participante da rede social dos leitores esclarece que realidade e ficção se misturam sobretudo por que K. é o personagem inspirado no pai de Bernardo

Kucinski, e a filha desaparecida é Ana Rosa, irmã ao autor, portanto. Evidentemente que tais informações não são possíveis de serem feitas apenas através da leitura de **K.: relato de uma busca**, sendo que estes leitores conhecem a vida de Bernardo Kucinski e destes seus familiares, ou então a partir da realização da leitura do livro terem se interessado em saber também a respeito da vida do autor.

Ainda no tocante às informações vinculadas às pessoas que inspiraram as personagens K. e sua filha desaparecida, o internauta da *Skoob* afirma que Ana Rosa foi, como já sabemos, professora de Química na USP, e também limitante clandestina da Aliança Libertadora Nacional (ALN), que, em verdade, se denomina Aliança Nacional Libertadora (ANL). Como já fica intencionado no próprio nome, a ANL é uma aliança, a qual integrava diferentes pessoas – comunistas, antifascistas, socialistas, marxistas – que lutavam contra o militarismo. No entanto, esta frente de esquerda foi fundada em 1935 com o objetivo de combater o fascismo e o imperialismo.

Dentre as ressalvas feitas por este leitor de Kucinski está a de que Ana Rosa era casada com Wilson Silva, também militante e desaparecido. No livro **K.: relato de uma busca** o capítulo seis – “O matrimônio clandestino” – é destinado à narração de como K. descobriu que sua filha já era casada, e ele nem sabia, descobriu casualmente quando uma moça chegou até ele em uma reunião de



familiares dos desaparecidos e se apresentou como sendo a cunhada de sua filha. As páginas deste capítulo são, assim, destinadas à tentativa de entendimento de K. principalmente sobre o porquê de a filha ter casado clandestinamente, sem ele

Após mencionar os fatos reais do pai de Bernardo, e também de sua irmã e cunhado, mencionando inclusive o nome destes dois, o internauta da *Skoob* dirige-se a **K.: relato de uma busca** e ao estado psicológico que possivelmente estava

O livro dói. Conseguir expurgar uma parte dessa dor pessoal e coletiva é tarefa para poucos. Bernardo Kucinski faz parte dos poucos. K. é um senhor de idade já consolidada. Traz no sangue o sofrimento incalculável de ter sido vítima do holocausto. É um sobrevivente (prisioneiro) dos progroms, da fúria genocida. Escapou, mas traz o horror estampado na mente. Sobrevivente/prisioneiro da melancolia, como ele diz/relata. Imigrante, veio para o Brasil. A comunidade judaica o recebe. É Poeta, intelectual confinado nos grotões de uma língua natimorta: o iídiche. Ele e poucos sobreviventes consagram ao iídiche o carinho de não esquecer-lo.

Faz/fez a vida como comerciante. Casa com uma sobrevivente como ele, tem três filhos. É afetuoso, ao seu jeito. Sua faina é o comércio. A esposa sucumbe à dor do comunicado oficial: Todos os seus familiares morreram nos campos de concentração. Todo sobrevivente carrega uma esperança desesperada de, ao menos, encontrar algum irmão, primo, tia, mãe, pai, afilhado, irmã. Nada lhe sobrou. Ela diz adeus aos filhos, e a filha mais nova é a que mais sofre com essa renúncia feita a custo sabe-se lá de quanto desespero. A caçula recebera da mãe, apenas a indiferença e só. Mas o pai sente isso, e tenta fazer algo. À maneira peculiar de seu olhar, ele tenta. Acontece que os filhos crescem. Os homens vão para o mundo. A Garota também vai, com seu doce olhar triste, seus fantasmas, gradua-se em grau máximo na universidade de Química. Um belo dia, desaparece. Some. Evapora-se. Adeus. A época: o auge dos anos de Chumbo, repressão, ano 70, Brasil.

K. reinicia seu calvário. Dois calvários para uma única vida. Agora, há um outro olho/consciência, como luz de cabeceira sobre o seu remorso. As paredes tem ouvido. É tempo de tortura. As paredes... ainda recordam e guardam a mancha, a impressão dos gritos ferozes, das grades receptoras do sangue salpicado. Os agentes são sombras, cada insígnia traz o aviso de que as janelas não foram abertas, e sequer aberturas rasgadas existem. Mas K. persiste em seu calvário para receber - pelo menos - o corpo da filha.

Figura 2

Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em **K.: relato de uma busca**. Fonte: *SKOOB*, 2019.

saber.

Bernardo Kucinski ao escrever essa narrativa. Segundo o receptor do romance



kucinskiano, Bernardo devia estar com os olhos marejados devido à emoção e, ao mesmo tempo, à dor sentidas ao escrever o livro. Aos olhos, o internauta da *Skoob* também atribui o adjetivo *delicados*, este, no entanto, nos transmite um sentido não de fragilidade, mas de cuidado com a narrativa, que Bernardo se preocupa com as palavras que vai utilizar para narrar cada fato, com o estilo, a distribuição dos capítulos, dentre demais estratégias pensadas e elaboradas pelo autor.

Este internauta da *Skoob* também caracteriza que o narrador está machucado, o que é, para nós, natural, pois ele conta uma história trágica, e ainda inspirada em fatos associados à sua família. Na sequência, este leitor de **K.: relato de uma busca** reforça alguns dos principais tópicos que comoveram e ao mesmo tempo motivaram o autor a escrever esta narrativa, que são a descoberta do desaparecimento, o casamento secreto, e o envolvimento da filha com o movimento anti-ditadura.

Sem sombra de dúvidas, o leitor de **K.: relato de uma busca** que tem seu comentário representado na figura 1 sente a dor, a angústia e os medos vivenciados pela personagem principal. Já no início de seu comentário, de forma breve, mas convicta, o internauta da *Skoob* afirma que o livro dói. E logo na sequência já menciona que é tarefa para poucos conseguir expressar essa dor pessoal, e ao mesmo tempo coletiva, porque outras pessoas vivem algo semelhante, e também

os leitores acabam sentindo estas dores, experimentando-as por meio da leitura. Na próxima frase, o internauta da *Skoob* enfatiza que Bernardo Kucinski faz parte destes poucos que conseguem expurgar tamanha dor.

Após sua breve contextualização sobre a dor sentida e expressada por Bernardo em seu livro **K.: relato de uma busca**, o internauta da *Skoob* começa suas considerações a respeito da história narrada no livro e sobre K., o protagonista. Em seu comentário, o receptor do romance kucinskiano afirma que K. é um senhor de idade já consolidada, e que traz no sangue o sofrimento incalculável de ter sido vítima do holocausto, o que outros internautas da *Skoob* também já afirmaram em seus comentários. No entanto, o internauta da *Skoob* cujo trecho representamos na figura 1 é mais enfático na descrição dessa caminhada de vida de K., ligada ao sofrimento não só pela perda da filha, mas já de sofrimentos anteriores também, como ter saído da Europa fugindo.

O holocausto, chamado pelo internauta da *Skoob* como fúria genocida, foi um verdadeiro genocídio, assassinato em massa de cerca de seis milhões de judeus durante a segunda guerra mundial. K., como é evidenciado em vários trechos de **K.: relato de uma busca**, é judeu, o que faz com que ele imigre para o Brasil em busca de melhores condições de vida, e fugir da perseguição e até mesmo da morte massacrante e ser mais um número a se



somar na tentativa de extermínio dos judeus.

Conforme frisa o parecerista da *Skoob*, K. veio ao Brasil trazendo o horror genocida em sua mente. No novo país, ele é recebido pela comunidade judaica, sendo poeta e intelectual que realiza estudos a respeito do iídiche, língua da família indo-europeia adotada pelos judeus. K. e outros poucos sobreviventes passaram a se dedicar à língua iídiche a fim de evitar a extinção dela. O internauta da *Skoob* corrobora que este ato de tentativa de não esquecimento dessa língua é uma forma de carinho, o que perpassa um sentimento de ternura, meiguice.

No segundo parágrafo de seu comentário, em algo que se assemelha a um resumo do livro, o internauta da *Skoob* relata como foi a instalação de K. aqui no Brasil, enfatizando que se tornou comerciante, que se casou com uma sobrevivente, assim como ele, e com ela teve três filhos. As próximas frases este leitor de Bernardo designa à descrição da mãe, que recebe a notícia que seus familiares morreram nos campos de concentração, que faz com que ela diga adeus aos filhos, causando profundo sofrimento principalmente à filha mais nova. No entanto, os anos se passam, os filhos crescem e tomam seus rumos. O internauta da *Skoob*, então, enfatiza sobre o que aconteceu com a filha, que se tornou doutora em Química, mas que certo dia desaparece, some.

Após ressaltar que a filha de K. desaparece, o internauta da *Skoob*, em nova frase, mas ainda no mesmo parágrafo, escreve uma frase sobre aquela época, o período histórico no Brasil, que era o auge da repressão, dos anos de chumbo, anos 70. Cabe a nós entendermos que aquela *Garota* que carregou consigo fantasmas desapareceu devido à ditadura militar, pelo menos é o que demonstra ser a intenção desse receptor de **K.: relato de uma busca**.

Conforme o internauta da *Skoob* salienta em seu comentário, o desaparecimento da filha é o reinício do calvário de K. Uma vida de martírio, de sofrimento e de peregrinação. No entanto, diferentemente do calvário anterior, K. não vai fugir de nenhum holocausto, mas vai peregrinar em busca de sua filha, ou de informações sobre seu paradeiro ou destino.

O internauta da *Skoob* emprega algumas frases como “As paredes tem ouvido” e “É tempo de tortura” a fim de simbolizar as perseguições e os sofrimentos vividos pelas vítimas da ditadura. Ele também ressalta que as paredes ainda guardam em si manchas, gritos ferozes e sangue salpicado, este resultante do que ele enfatizou na frase anterior – da tortura. O comentarista da *Skoob* também diz que os agentes possuem insígnias que não indicam apenas poder, mas trazem o aviso da tortura, e de que as janelas (da esperança) não se abriram. E o leitor de **K.: relato de uma busca** termina seu comentário com a afirmação de que K. persiste em sua busca



pela filha em meio ao contexto caótico e assombroso; que K. busca ao menos pelo corpo da filha.

Na narrativa, no capítulo “A *matzeivá*”, fica claro essa busca, pois K. quer realizar o *Kadish*, que é a principal oração do rito judaico proferida no sepultamento de um filho ou parente muito próximo. O título do capítulo já indicia tal desejo de K., haja vista que *matzeivá* é a lápide colocada no túmulo de alguém, em geral um ano após o sepultamento, o que também gera transtornos a K., pois ele sequer encontra o corpo da filha.

militar.

Em uma frase este internauta da *Skoob* anuncia que K. é um senhor que busca sua filha desaparecida, mas encontra muitas dificuldades, enfrentando situações perigosas e mentirosas. Aliás, vários internautas da *Skoob* salientaram sobre as pistas falsas encontradas por K., e as mentiras de outros a fim de atrapalhar sua jornada em busca da filha. Por fim, na última oração deste período, o leitor de **K.:** **relato de uma busca** escreve que o sofrimento de K. durou mais de um ano, e como a história do livro é a busca de K.

Como o próprio nome esclarece, o livro trata da busca de um pai por sua filha que some misteriosamente por ser ativista política na época da ditadura. Buscando a filha e encontrando muitas dificuldades, enfrentando situações perigosas e mentirosas, o senhor K., protagonista da história, relata todo o seu sofrimento durante um período de mais de um ano. O autor mistura

Figura 3

Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em **K.:** **relato de uma busca**. Fonte: *SKOOB*, 2019

O internauta da *Skoob* que tem seu trecho representado na figura 2 realiza argumentos que coincidem com os demais a respeito do livro **K.:** **relato de uma busca**. Começa evidenciando que, assim como o próprio título sugere, a história do livro é sobre a busca de um pai por sua filha, sumida misteriosamente devido à sua posição política na época da ditadura

pela filha, presumimos, então, que este é o tempo de duração do enredo no livro. Feitas estas argumentações a respeito da busca de K. pela filha, o internauta da *Skoob* realiza demais apontamentos sobre outros aspectos, que analisamos em seus devidos tópicos.

Como não há limites máximo e mínimo de palavras ou caracteres nos comentários dos internautas da *Skoob*, deparamo-nos

Espetacular

Em poucas páginas este livro nos apresenta um relato comovente sobre a ditadura no Brasil, através da narrativa de um pai em busca de sua filha desaparecida. Imprescindível para todos que desejam

Figura 4

Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em **K.:** **relato de uma busca**. Fonte: *SKOOB*, 2019



com alguns mais extensos, e outros mais curtos, como é o caso do trecho que dispusemos na figura 3. No entanto, mesmo realizando um comentário curto, este internauta da *Skoob* aborda brevemente que o livro *K.: relato de uma busca* é um relato comovente sobre a ditadura no Brasil. Devido ao comentário ser intitulado como “Espetacular”, inferimos que também este leitor de Kucinski incida a leitura desta narrativa sobre um pai em busca de sua filha desaparecida.

Sem dúvidas, a história de um pai que busca desesperadamente informações sobre o que aconteceu com sua filha que desapareceu misteriosa e repentinamente tende a comover o leitor. É natural que o receptor do livro se sensibilize e se coloque no lugar de K. e sinta suas angústias, ainda mais tendo parte do enredo e dos personagens inspirados nos próprios familiares do autor.

Enfim, muitos são os aspectos que fazem com que **K.: relato de uma busca**, este texto literário, não seja apenas uma forma de documentação: “a possibilidade privilegiada de experimentar na leitura o espírito da época, as condições sociais e as disposições dos seus autores”. (ISER, 1996b, p. 40). Logo, as experimentações possibilitadas pela leitura possibilitam que os leitores de Kucinski sintam o contexto da época narrada, as condições sociais em que elas estão inseridas e, ao mesmo tempo, identifiquem a disposição do autor para escrever tal narrativa, que, como

todos já sabemos, foi baseada em fatos reais de seus familiares, o que reforça mais ainda o privilégio da experimentação desta leitura, que, por ser ficção, vai além de uma documentação, ou registro destes fatos.

Considerações finais

Através de **K.: relato de uma busca**, Bernardo Kucinski presenteia seus leitores com uma leitura emocionante para muitos e convida-os a adentrarem a um mundo do passado por meio de uma reviravolta a escombros do tempo da ditadura militar, que guarda dores e resquícios até os dias de hoje. Precisamos ter cuidado ao remexermos com um passado tão cruel, mas a muitos isso é necessário. Para Kucinski não foi diferente, pois **K.: relato de uma busca** é sobretudo uma forma de realizar o tão aguardado *kadish* em homenagem à sua irmã desaparecida... Uma vida “apagada” e um corpo sem destino conhecido.

Por mais triste que seja, a morte simboliza um ponto final, mas uma pessoa desaparecida é uma ausência, uma vírgula perdida em meio a incompletudes. Reticências de sofrimento marcam a ausência do corpo da filha desaparecida e deixam no ar vários sinais de interrogação e exclamação de socorro. A pessoa desaparecida se mantém viva na alma do familiar que sobreviveu e sofre com a culpa, o medo, as (in)certezas, a dor, e tantos outros sentimentos e sensações que destroem uma pessoa que está sofrendo.



Para muitos leitores de **K.: relato de uma busca**, participantes da rede *Skoob*, este livro é uma forma de denúncia, de justiça, de acertar as contas. É o sufoco transformado em palavras. É a culpa e a ausência de alguém transformadas em narrativa. É o silêncio gritado por meio da literatura. É o registro do calvário, seu arquivamento, como denomina Figueiredo (2017) em seus estudos a respeito dessa obra kucinskiana. O arquivamento, no contexto abordado por esta estudiosa, do qual nos valem em nossas pesquisas, possui sentido de registro, que visa a propagação de informações a mais pessoas.

Além de ser uma forma de registro sobre a ditadura, ápice do absurdismo, **K.: relato de uma busca** é também uma lembrança às vítimas da ditadura. Kucinski até pode ter se baseado em fatos ligados a seus familiares, com ênfase à sua irmã desaparecida. No entanto, este livro é ao mesmo tempo uma homenagem não só a ela e a seu pai, que tanto a buscou, mas também a todas as vítimas da ditadura, tendo esta sido um verdadeiro genocídio, holocausto brasileiro, como foi registrado por receptores de Kucinski na rede social *Skoob*.

Fazer narrativa com base em episódios reais por si só já é um ato de resistência, é narrar uma trama da realidade. No entanto, quando ela é relacionada a outras obras com características afins, podemos enfatizar que há entre elas uma cumplicidade, mesmo que haja a narração de histórias diferentes. Afinal, a

cumplicidade está no fato de ambas possuírem a temática voltada para o mesmo contexto e terem ao menos alguns objetivos em comum através daquele texto, dentre eles o fato de manifestação do que acontecia naquela época, o que permite realizar o almejado processo de lembrança.

Esse caráter de testemunho coletivo, e de manifesto mediante as condições sociais, ainda mais na era digital, implica pensarmos nos lugares e nos meios em que se articulam os diferentes espaços e posicionamentos discursivos. **K.: relato de uma busca** é uma das muitas obras que possuem sua temática voltada à ditadura, e percebemos através da análise dos comentários dos internautas da *Skoob* muitas características que revelam este fato.

Além do mais, narrativas como as que mostram a ditadura militar vivenciada pelas vítimas e seus familiares não estão em um espaço aquém dos demais textos, mas sim no mesmo mundo, porém mostrando outra realidade, outros pontos de vista. Seu conjunto forma uma cultura de massa que visa a outros públicos, leitores que recebam e compartilhem essa literatura estrategicamente, tanto pela inferência da intenção do autor e do leitor quanto pela composição, e qualidade do texto, que foi algo que percebemos ao longo das averiguações dos comentários realizados pelos internautas da *Skoob*, receptores de **K.: relato de uma busca**.

Nesse sentido, na atualidade é impossível não pensarmos em tecnologias,



internet, páginas da web, redes sociais, ao tratarmos da cultura de massa e da circulação de informações. Afinal, esses meios facilitam e aceleram a disseminação da comunicação. É imprescindível, portanto, adequar, muitas vezes, a temática e os propósitos do autor com seu texto para a cultura de massa da sociedade. Tanto a obra narrativa, no caso **K.: relato**

de uma busca, quanto os comentários críticos sobre ela, como os de internautas em redes sociais como a *Skooob* comprovam que Kucinski atingiu suas intenções por meio do texto, o meio de comunicação que lhe permitiu propagar suas memórias e testemunhos que marcam o não-esquecimento dos fatos ocorridos no passado.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: perspectiva, 1999.

_____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996a.

_____. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996b.

KUCINSKI, Bernardo. **K.**: relato de uma busca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A história como trauma”, in NESTROVSK, Arthur. SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000, p.73–98.

SKOOB. <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/207967/edicao:426975>. Acessado em 01 de maio de 2019.

ⁱ Possui graduação em Curso de Letras pela Universidade de Passo Fundo, mestrado em Letras - Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, doutorado em Letras - Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pós-doutorado em Letras - Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora Titular III da Universidade de Passo Fundo, atuando no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras, e professora efetiva da rede municipal de ensino de Passo Fundo, atuando na Secretaria Municipal de Educação. Tem

LUMEN ET VIRTUS
REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE CULTURA E IMAGEM

VOL. XIV N° 36 JULHO-DEZEMBRO/2023
ISSN 2177-2789



experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, crítica literária, romance, história e leitura.

ⁱⁱ Doutorando, bolsista CAPES, em Letras pela UPF / RS. Mestre em Letras pela UPF / RS. Graduado em Letras Espanhol pela UFPEL / RS e em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela UNIJUI / RS. Professor efetivo nas redes públicas de ensino do Estado do Rio Grande do Sul e do município de Condor / RS, atuando 40 horas na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Condor / RS.